

A cada ponto um conto: o cotidiano e as experiências dos taxistas em uma produção documental¹

Michael MAIA²

Alexandre SCHEIBEL³

Andrezza VIEIRA⁴

Lucas ALVES⁵

Mariana Ramalho PROCÓPIO⁶

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Esse trabalho tem por finalidade apresentar o documentário *A cada ponto um conto*, produzido por estudantes do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Por meio dessa produção audiovisual de média-metragem, procurou-se retratar o cotidiano e as experiências dos taxistas de Viçosa-MG. Os depoimentos foram referentes à vida pessoal, ao ambiente familiar, ao local de trabalho, às principais dificuldades e relações com clientes, pedestres e demais personagens do trânsito. Como locações principais, optou-se pelo interior dos próprios carros assim como o entorno dos pontos de táxi.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; taxista; experimentação; vídeo; narrativa.

INTRODUÇÃO

Em 2011, a profissão de taxista passou a ser regulamentada pelo Congresso Nacional através da aprovação da lei nº 12.468. Esta regulamentação instituiu que o ajuste do piso salarial da profissão e o uso do veículo automotor como um elemento de uso privativo do trabalhador são, respectivamente, direito e dever do taxista. Além disso, para se tornar um profissional da área, é necessário possuir carteira de habilitação B, C, D ou E, realizar curso de direção defensiva, primeiros socorros, mecânica e elétrica

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção, documentário, docudrama.

² Aluno líder e estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV. Email: michael.maia@ufv.br

³ Estudante do 8º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV. Email: alexandre.scheibel@ufv.br

⁴ Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV. Email: andrezzasvieira@gmail.com

⁵ Estudante do 8º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV. Email: lucas.augusto@ufv.br

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFV. Email: mariana.procopio@ufv.br

básica de veículos. Também são obrigações dos taxistas tratarem bem o seu cliente, trajarem-se adequadamente e manter o seu veículo em condições aceitáveis de higiene e segurança.

No imaginário popular, a profissão desperta as mais diversas representações e impressões. É possível dizer que a profissão é elogiada por muitos: trata-se de um ofício digno, de prestação de serviços e de, muitas vezes, ajuda àqueles que demandam informações ou de diversão para os que gostam de uma boa prosa. Para outros, os taxistas são considerados por um viés negativo: trafegam em alta velocidade, aumentam o caminho para elevar o preço da viagem, entre outras reclamações. Nessa perspectiva, há uma tendência de se misturar atributos de uma conduta profissional taxista ao ser humano que a executa.

Partindo deste panorama, o documentário de não ficção *A cada ponto um conto* procura representar justamente essa dupla abordagem. Além de trazer histórias do profissional taxista – contos gerais referentes ao exercício e ao cotidiano da profissão –, a narrativa audiovisual apresenta também um pouco da pessoa taxista e o seu ambiente familiar.

Para classificar o produto aqui representado, valemo-nos da definição de Nichols (2001). Segundo o autor:

os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta. (NICHOLS, 2001. p. 26).

Nesse sentido, procuramos representar uma realidade costumeiramente conhecida – o trabalho dos taxistas – mas a partir de uma seleção de depoimentos e imagens por nós coletados. Esses depoimentos e imagens procuraram realçar a vida e o trabalho de quem exerce esse ofício. Os personagens foram escolhidos de modo a representarem variados perfis da profissão.

O documentário foi produzido como atividade da disciplina Telejornalismo II do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, com o intuito de exercitar a produção audiovisual, desde a produção com a criação do roteiro e pesquisas, até a gravação e edição do material. Na equipe de produção, além dos autores deste trabalho, esteve presente o estudante Felipe Pacheco.

OBJETIVO

O objetivo deste documentário é retratar a realidade dos taxistas, narrar as suas histórias e dificuldades, bem como a relação com os fregueses e com os demais atores do trânsito local. Tradicionalmente, representa-se a profissão a partir da dualidade entre o bom *Vs* o mau profissional, expostas anteriormente nessa introdução. Em nosso caso, a intenção foi dar voz a esses atores sociais, a fim de que, ao revelarem seus “casos e contos” eles pudessem construir a sua representação, fugindo dessa estereotipia.

O documentário, para os estudantes, teve também como objetivo a experimentação de técnicas e conceitos aprendidos em sala de aula, sobretudo o conhecimento e a prática das rotinas de produção audiovisual.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho foi motivado pela vontade do grupo em expor a trajetória pessoal, familiar e as histórias profissionais dos taxistas para além de seus carros. Como foi dito anteriormente, o objetivo do documentário é apresentar o taxista de modo diferentes das tradicionais representações do bom *Vs* mau profissional.

A opção pelo documentário se deu pela sua capacidade de transmitir narrativas não ficcionais. Trata-se de um gênero audiovisual que procura demonstrar aspectos da realidade a partir de um ponto de vista, de uma perspectiva.

O discurso do filme documentário tem por característica o de ser um discurso sustentado por ocorrências do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido como no caso do discurso narrativo ficcional. (SOARES, 2007, p. 39).

O documentário surge baseado na experiência de registrar o real, “assim, o contributo dos pioneiros do cinema para o filme documentário foi demonstrar que o material base de trabalho são imagens recolhidas nos locais onde decorrem os acontecimentos”. (PENAFRIA, 1999, p.1). Seguindo os preceitos da autora, fizemos a escolha de realizar as imagens no local e no instrumento de trabalho dos nossos personagens – ponto de táxi e carros – para conhecer de perto a realidade destes trabalhadores e retratá-las de forma real, para que fosse possível enxergar naquela pessoa que estava dando o seu depoimento.

Ao adotar uma angulação que diverge da tradicional, o documentário procura humanizar um tema que, apesar de tão presente na sociedade, é muitas vezes tido de forma indiferente por ela. Assim, é dada visibilidade a um profissional muitas vezes invisível aos olhos tanto do usuário dos serviços por ele prestados como de uma comunidade como um todo.

Os trabalhadores que executam tarefas imprescindíveis à sociedade moderna, mas assumidas como de categoria inferior pelos mais variados motivos, geralmente não são nem percebidos como seres humanos, e sim apenas como “elementos” que realizam trabalhos a que um membro das classes superiores jamais se submeteria. Em consequência, o que não é reconhecido não é visto. (CELEGIUM; ROESLER, 2009, p.1).

A ideia é justamente trazer novos olhares, novas interpretações para esse profissional, possibilitado pelo gênero escolhido para a exposição e conseqüentemente propagação das suas histórias. Não é apenas ilustrar o taxista dentro do estereótipo padrão de alguém está sempre em alta velocidade no trânsito, bom de papo, entres outras atribuições dadas, mas sim uma um pai ou mãe de família que está saindo de casa em busca do seu sustento. Alguém que além de família, tem amigos e outras ocupações. Nesse sentido, valemo-nos novamente das contribuições de Penafria, para quem

o documentário é um gênero cujo maior atributo é ser uma porta aberta para o mundo, para diferentes olhares sobre o mundo, para a reflexão sobre o mundo e é para quem a eles se dedica, um espaço aberto para a experimentação e exploração criativa. (PENAFRIA, 1999, p. 7).

A produção audiovisual apresenta-se como uma possibilidade de concretizar o objetivo supracitado, levar a histórias dessas pessoas ao conhecimento público. Através das facilidades oferecidas por programas digitais e pela internet, essa meta se torna acessível. Segundo Moletta (2009), a difusão de tecnologias de gravação digital, a acessibilidade aos equipamentos e *softwares* de vídeo e a possibilidade de divulgação e compartilhamento de vídeos online, fazem com que a produção audiovisual na contemporaneidade, torne-se uma prática comum e difusa. Nesse sentido, vislumbramos que o produto audiovisual e sua posterior divulgação nas mídias digitais poderiam alcançar um número maior de espectadores e, por conseguinte, um público maior conheceria as histórias dos taxistas.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O documentário *A cada ponto um conto* teve como principal procedimento metodológico a entrevista em profundidade. De acordo com Duarte (2009, p. 62), ES ta técnica permite ao entrevistador “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Quanto à organização do trabalho, ele foi realizado em três etapas, conforme orientações de Alex Moletta (2009): pré-produção, produção e pós-produção.

A pré-produção é o momento em que são definidos os cenários e as locações que deverão ser utilizadas, a escolha de materiais, os equipamentos e equipe (MOLETTA, 2009). Para tanto, é preciso que a equipe comece um trabalho de pesquisa, tanto para escolha dos entrevistados/personagens como das locações para as gravações. Estas devem ser visitadas em horários diversos, a fim de que possam ser previstos problemas com luminosidade e barulhos assim como projetados possíveis enquadramentos. É nessa fase também em que a ideia central do produto é construída, podendo esta ideia materializar-se em um pré-roteiro ou em um *storyboard*. A vantagem de já se organizar um pré-roteiro é, principalmente, dinamizar as atividades da fase seguinte.

A produção ou execução, conforme nomenclatura de Moletta (2009) consiste nas gravações. A partir da ideia central estruturada, inicia-se a construção do enredo audiovisual. É importante que toda a equipe já tenha conhecido as locações e que o contato com as fontes tenha já sido firmado, a fim de que as gravações transcorram da melhor maneira possível.

Por fim, temos a pós-produção ou finalização. Esta fase começa com um trabalho de decupagem e seleção do material a ser utilizado. Posteriormente, constrói-se um roteiro técnico, mais detalhado, para que este possa guiar o trabalho dos editores. É o momento de edição do produto, da gravação em mídias específicas e da eventual divulgação.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário *A cada ponto um conto* caracteriza-se como um documentário de média-metragem, com duração de 23 minutos. Ele foi elaborado em um período de dois meses, como atividade da disciplina Telejornalismo II, sendo que um mês foi destinado à pré-produção e outro à produção e finalização.

O processo começou com a pesquisa por personagens e locações. De início, antes de definir os taxistas que entrevistariamos, fizemos vistorias em vários pontos de táxis da cidade e começamos a conhecer os profissionais. Procuramos observar quais eram mais comunicativos, quais possuíam histórias interessantes e quais estavam dispostos a gravar. Escolhemos sete personagens, sendo quatro trabalhadores diurnos – Luís de Paula, Maria Brandão, Raimundo Rodrigues e Sebastião Rodrigues – e três noturnos – Aguinaldo Ermenegildo, Paulo Ferreira e Sidnei da Silva. Procuramos selecionar taxistas com idades e experiências diferenciadas e também conseguimos encontrar uma taxista mulher disposta a nos conceder a entrevista.

Selecionados os personagens, passamos a elaborar um roteiro para nossa conversa. Procuramos organizar algumas perguntas que tratassem de pontos que gostaríamos de apresentar em nossa narrativa (vida familiar, casos engraçados, tempo de profissão, etc), mas sem deixar o roteiro muito formatado. Optamos por perguntas do ambiente de trabalho e do cotidiano primeiro e depois fazíamos as pessoais, assim no final das entrevistas os personagens já estavam à vontade. Era necessário também deixar espaço para que a própria conversa se desenvolvesse. No total, foram feitas nove entrevistas durante quatro semanas. Os taxistas depois que conversamos por uma semana, se sentiram muito a vontade em frente às câmeras, o que facilitou nas respostas e no entrosamento com toda a equipe de trabalho.

Os pontos e os carros dos taxistas foram utilizados como cenários para aproveitarmos da sua rotina, seu cotidiano. Optamos por colocar duas entrevistas com os motoristas dirigindo para diversificar nas imagens e dar mobilidade para a produção já que os outros cinco estão parados. Escolhemos então um trabalhador noturno e outro diurno por conta da diferença que há entre o exercício da função dependendo do turno como trânsito, segurança entre outros.

Na gravação foram utilizadas duas câmeras DSLR modelos Nikon D5100 e D90, dois tripés, um microfone lapela e um suporte para iluminação de LED. O enquadramento de uma das câmeras era um close no rosto do personagem para dar ênfase aos personagens e outra em ângulo aberto para mostrar o cenário (figuras 1 e 2). As imagens das ruas, com o carro em movimento (figura 3), colocadas no documentário para ilustrar e amenizar a narrativa, foram feitas com um suporte para manter a câmera o mais estática possível.



Figura Erro! Nenhuma sequência foi especificada.: Imagem em close no documentário



Figura 2: Imagem em ângulo aberto no documentário



Figura 3: Imagem gravada dentro do carro para ilustrar o documentário, filmada com um suporte.

Após as entrevistas, a equipe se dividia com a continuação das gravações, a decupagem e a edição do material. Enquanto uma pessoa já marcava outra entrevista, outras duas iam para a gravação e a outra já transcrevia as perguntas e respostas. Logo, o roteiro já ia se formando. Segundo Soares (2007, p.21), “roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim.” Em relação à edição, ela foi feita por meio dos softwares *Sound Forge Pro 10* para a edição dos áudios e *Adobe Premiere Pro CS6* para os vídeos.

Quanto à estruturação narrativa, o documentário começa com a câmera entrando no carro e os taxistas se apresentando, como fazem quando algum cliente entra no táxi. Após a apresentação, cada um dos entrevistados conta como iniciaram a profissão, o primeiro dia e a rotina de trabalho. Nessa parte, temos algumas imagens das ruas e a música versão instrumental *I'll Be right behind you, Josephine* de *Josh Woodward* em *off*.

Posteriormente, mostramos duas clientes que pegam táxi com bastante frequência. Elas relatam um pouco das experiências delas com os taxistas. Após as declarações das duas, os taxistas revelam suas opiniões sobre os clientes. Nesse momento, procuramos alternar a apresentação dos depoimentos, já que os taxistas tinham opiniões contrárias.

Como continuação do assunto “passageiros”, apresentamos depoimentos sobre alguns casos dessa relação (passageiros e taxistas): quando os clientes não têm dinheiro

para pagar a corrida; o flagrante de uma traição da esposa pelo marido; o nascimento de um bebê dentro do carro, etc.

Em seguida, inserimos o assunto “segurança”, através de depoimentos de vários taxistas que foram assaltados e diversificamos na montagem para que não ficasse muito dramático. Interessante notar que cada taxista lembra de uma maneira suas experiências: uns com mais naturalidade e com risadas, outros são mais sérios. O assunto foi encerrado com mais uma série de imagens das ruas e dos pontos, cobertos pela música *Combien* de *Lohstana David* como trilha sonora.

Os tópicos “benefícios de ser taxista” e “sonhos” conduziram a parte final do documentário. Aos poucos, cada personagem revelou as principais vantagens que considera para sua profissão e também suas aspirações. Finalizamos o vídeo com o depoimento da taxista Maria, com um sorriso após dizer que seu maior sonho é “ser feliz e continuar na vida que está”. A música *Combien* foi novamente executada e foram inseridos os créditos.

É preciso dizer que todas as músicas utilizadas como trilha sonora para este trabalho são licenciadas sob *Creative Commons* ou Licença da Arte Livre, retiradas do site de distribuição livre de músicas *jamendo.com*. Foram selecionados todos os sons em instrumental para que não tivesse nenhuma confusão com os depoimentos.

CONSIDERAÇÕES

A realização do documentário *A cada ponto um conto* permitiu que os integrantes da equipe tivessem uma imersão em todas as etapas da produção audiovisual. Como todas as etapas foram por nós executadas, tivemos que estudar e compreender bem cada uma delas para que pudéssemos desempenhar com êxito as atividades. Esse envolvimento imersivo nos permitiu colocar em prática e aperfeiçoar as técnicas e conhecimentos teóricos aprendidos em sala de aula.

Ainda, acreditamos ser de suma importância destacar o envolvimento que tivemos com nossas fontes. O contato direto e constante com os taxistas bem como a receptividade deles fez com que a troca de experiências tenha sido bastante profícua. Nós só conseguimos construir essa narrativa audiovisual de modo tão envolvente pelo

fato de termos encontrados personagens com boas histórias. E esse, a nosso ver, é o papel do documentarista e de um documentário: encontrar e revelar boas histórias e interessantes personagens.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELEGUIM, Cristiane R. J.; ROESLER, Heloísa M. K. N. **A invisibilidade social no âmbito do trabalho.** In: Revista Científica da Faculdade das Américas. Ano III – número 1 – 1º semestre de 2009.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade.** IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, v.1, p. 62-83.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção.** São Paulo: Summus, 2012.

MELO, Cristina T. Vieira. **O Documentário como Gênero Audiovisual.** Disponível em: galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18813/1/2002_NP7MELO.pdf

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em Vídeo Digital:** Uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** São Paulo: Papyrus, 2001.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de Desenvolvimento para o documentarismo.** Universidade de Beira Interior. Covilhã, 1999.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção.** São Paulo: Campinas, 2007.